

PRODUÇÃO ICONOGRÁFICA SOBRE A EXPOSIÇÃO DE ARTE POPULAR DO CENTRO CULTURAL SÃO FRANCISCO: ENTRE LUZ E SOMBRA

RAISA FILGUEIRA SOARES GOMES¹

A presente produção iconográfica se utiliza da ferramenta da fotografia e resulta de pesquisa desenvolvida no mestrado, que apresenta como objeto de estudo a Exposição Brasil Arte Popular, imersa nos ambientes do Antigo Convento de Santo Antônio da cidade de João Pessoa, atual Centro Cultural São Francisco. Trata-se de uma exposição permanente, cuja autoria é da historiadora da arte, poeta, antropóloga, escritora e museóloga Lélia Coelho Frota.

Localizado no bairro do Centro, da cidade de João Pessoa/PB, o antigo Convento de Santo Antônio da Ordem Franciscana (figura 1) revela características de uma tipologia religiosa, implantada no período de fundação da cidade, compreendido entre o século XVI e final do século XVIII, referente ao Brasil Colônia. Esse momento assinala o processo de colonização do território em decorrência da invasão portuguesa. No âmbito da arquitetura e do urbanismo, a imposição desse modelo colonial foi responsável por uma sequência de arquétipos que definiram, no decorrer dos séculos, a arquitetura e a urbanidade do país. O início da construção do Convento de Santo Antônio se deu no ano de 1590, com o propósito de auxiliar os Franciscanos no processo de catequização indígena. Essa edificação remete ao período do Brasil Colônia e ao seu respectivo processo de dominação e exploração do território e dos povos originários.

A exposição Brasil Arte Popular do CCSF foi implantada na década de 1980. Estão entre os artistas que fazem parte da exposição o ceramista Antônio Poteiro (figura 2) e o escultor Mestre Guarany, que produziu proas de barcos com motivos de carrancas. O acervo reúne ainda obras do mineiro Anésio Julião, conhecido pela representação de animais, com destaque para a obra intitulada Leão (figura 3). Já o pernambucano Manuel Eudócio integra a exposição com a escultura Padre Cícero.

Esses e demais artistas, homens e mulheres, compõem o acervo, registrando um imaginário que vai do realismo fantástico, rituais de vida e morte aos objetos representativos das religiões de matriz africana. Nesse universo os elementos como a cerâmica (figura 4), o cordel (figura 5), os ex-votos (figura 6) e as carrancas (figura 7) coexistem assinalando o hibridismo cultural do território brasileiro.

A curadoria da exposição tem como uma das inspirações a região do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Nessa localidade foram extraídas obras de artistas locais que apresentam em sua produção traços da cultura indígena (figura 8), portuguesa (figura 9) e negra (figura 10). Há também uma forte produção feminina na exposição. Foram mapeadas mais de dez mulheres artistas, entre elas Inês Rodrigues e Placedina Fernandes.

¹ Arquiteta e Urbanista (UNIPÊ), Especialista em Gestão e Prática em Obras de Conservação e Restauro do Patrimônio Cultural (CECI/UFPE), Discente da Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) e Graduanda do Curso de Bacharelado em Artes Visuais (UFPB).
Email: raisagomes96@gmail.com

Para a realização da exposição, Lélia Coelho Frota ficou responsável por reunir uma coleção que rompesse fronteiras nacionais. Lélia desempenhou um papel indispensável na estruturação da esfera da arte popular no Brasil, fomentando a relação entre as Ciências Sociais, a Antropologia, a História da Arte, a Estética e a Museologia. Percebe-se pelo seu trabalho uma dedicação intensa na pesquisa de campo, nutrindo assim, uma relação de proximidade com os artistas. (GUIMARÃES, 2015).

A Exposição é o retrato de um Brasil que é pulsante, que mora nas periferias, nos interiores, na rotina da vida Severina (figura 11). Um Brasil que acontece agora e está margeado e com uma camada de poeira bem maior, que se nutre da terra, que é profano, é terreno, é real, e vai além do divino, da salvação.

As brincadeiras populares representadas na exposição (figura 12), assim como todas as outras obras e representações, atravessaram décadas de resistência em meio aquele espaço, às pessoas, às gestões. Retrato fiel do que foi, do que é e do que possa ser. As manifestações culturais resistem onde os nossos olhos não alcançam, onde nossos ouvidos não escutam, onde nosso coração não sente. Estão na zona da mata norte de Pernambuco, nas regiões metropolitanas de João Pessoa, no interior do mundo, onde se perdem as botas, o juízo, a dignidade, mas não se perde a fé e a vontade de viver, mesmo tendo lido a luta pela sobrevivência. A vida e a morte representada em três peças transcendem aquele cenário, as paredes em pedra calcária e os ornatos do centro cultural, mas ressoam um terço da realidade, a realidade chorada nos terços do rosário das mulheres, das senhoras, das fiéis, das sobreviventes.

Logo abaixo vem a imagem (figura 13) referente às figuras do Cavalo Marinho, folguedo cênico brasileiro. Esse registro vem reforçar a riqueza e vitalidade dessa exposição e a sua importância no âmbito das materialidades e imaterialidades, permeado por narrativas não oficiais, onde também aborda sobre as brincadeiras, como o cavalo marinho e outras, bem como as obras produzidas por mulheres. Ao questionar a inserção de objetos classificados como arte popular em um acervo abrigado em um exemplar arquitetônico de estilo barroco de matriz colonial, é possível tensionar as forças históricas e de dominação que perpassam esse processo.

Essa produção traz como reflexões e desejo de abordagem o aprofundamento sobre as histórias (não) contadas acerca das festividades populares, visualidades, ofícios tradicionais, gênero e contemporaneidade. Através desse registro fotográfico, a leitura poética feita, sobre o processo de apagamentos e silenciamento que existe na exposição, trilha um caminho sinestésico onde o som abafado daquelas narrativas possuem uma camada obscura e cinza, mas que ainda vislumbra a luz e o colorido da vida.



Figura 1. Centro Cultural São Francisco (CCSF). Foto: Autor, 2020.



Figura 2. Abraço. Foto: Autor, 2021.

Figura 3. Leão. Foto: Autor, 2021.

Figura 4. Cerâmica. Foto: Autor, 2021.



Figura 5. Cordel. Foto: Autor, 2021.

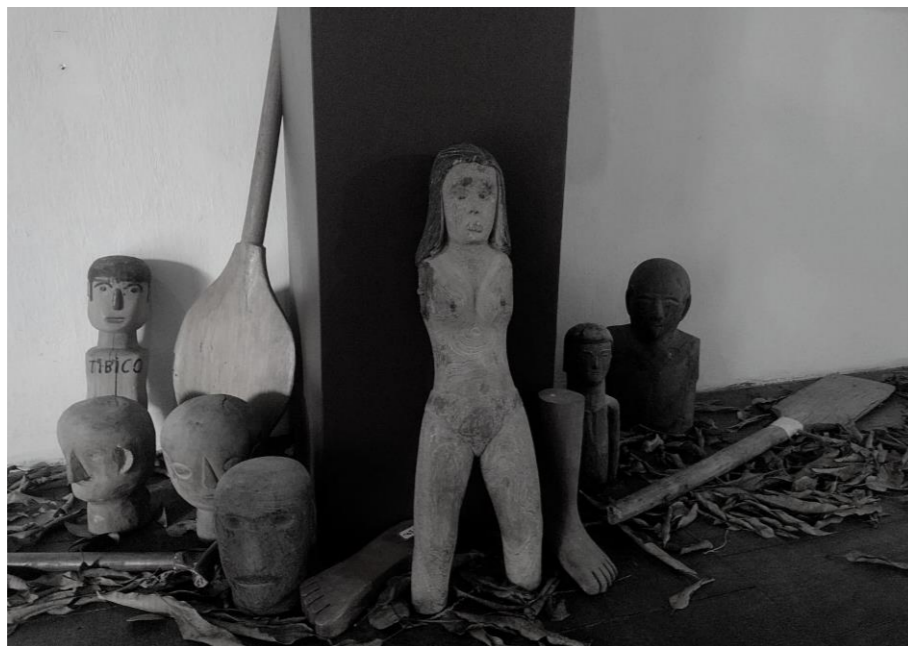


Figura 6. Ex-votos. Foto: Autor, 2021.

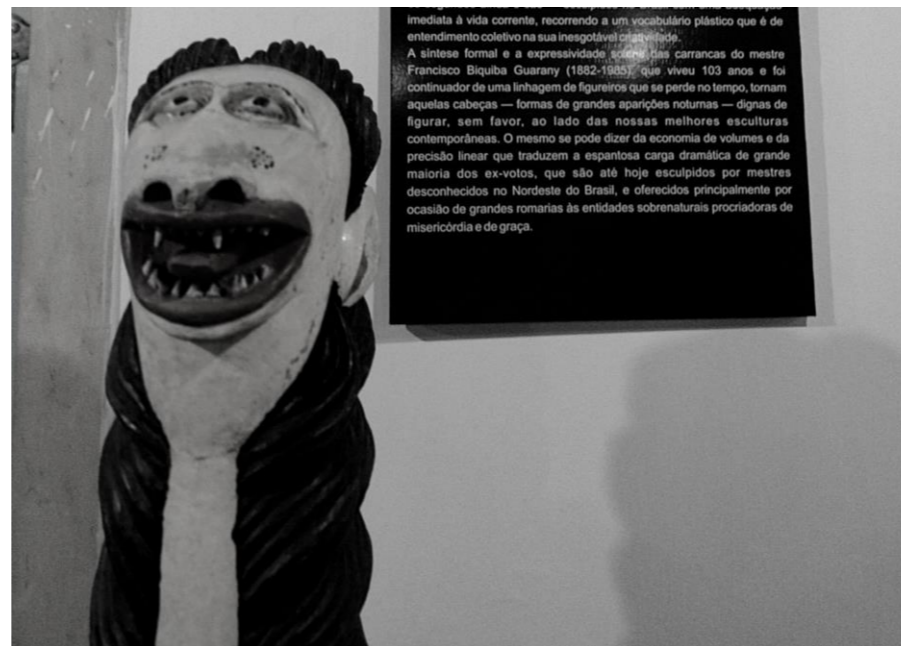


Figura 7. Carranca. Foto: Autor, 2021.



Figura 8. Karajás. Foto: Autor, 2021.

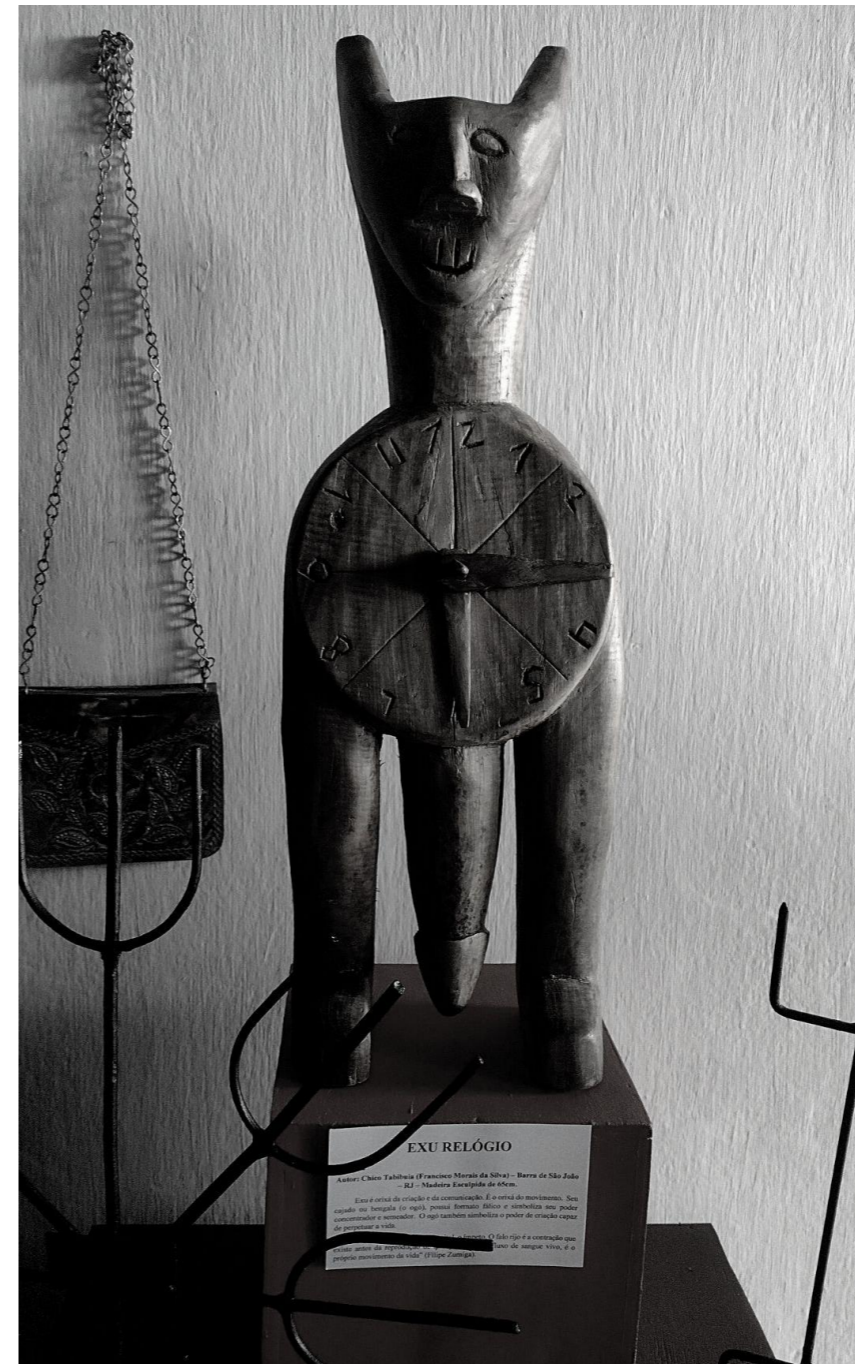


Figura 9. Santidade. Foto: Autor, 2021.

Figura 10. Exú. Foto: Autor, 2021.

Figura 11. Casa de farinha. Foto: Autor, 2021.



Figura 12. Bumba meu boi. Foto: Autor, 2021.



Figura 13. Cavalo Marinho. Foto: Autor, 2021.

GUIMARÃES, Leda. Chaves conceituais e históricas na constituição de arte e artista popular no Brasil. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)*, São Luís, V.1, N.1, P. 83-104, julho/dezembro, 2015.

Referências de Documentos Iconográficos

AUTOR. **Centro Cultural São Francisco (CCSF)**. 2020. Fotografia.

AUTOR. **Abraço**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Leão**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Cerâmica**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Cordel**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Ex-votos**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Carranca**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Karajá**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Santidade**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Exú**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Casa de farinha**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Bumba meu boi**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Fotoperformance Cyber Popular**. 2021. Fotografia.

AUTOR. **Cavalo Marinho**. 2021. Fotografia.

